



**Diálogos de saberes:
encontros e interações na pesquisa sobre o mundo rural**

**Dialogues of knowledge:
encounters and interactions in research on the rural world**

Andréa Maria Narciso Rocha de Paula ¹ 

João Cleps Junior ² 

Meu nome é Carlos Rodrigues Brandão

Nasci em 14 de abril de 1940. Nasci no Rio de Janeiro, em Copacabana, no “Posto Dois e Meio”, a uma quadra do mar imenso. Vivi ali dez anos do começo de minha vida, e depois vivi mais quinze anos na Gávea. Assim, vivi os meus primeiros vinte e cinco anos de vida no Rio de Janeiro. Em 1966 eu me casei com uma goiana e fui morar no Planalto Central, entre Brasília e Goiânia.

Em agosto de 1967 ingressei como professor na Universidade de Brasília, e fui um professor durante oito anos em Goiás.

Entre colégios do Rio de Janeiro oscilei entre um “mau” e um “precário” aluno. Mas desde muito cedo comecei a escrever. Era seguidamente punido em meus colégios, e ganhava pequenos concursos escolares de “redação”.

Escrevo até hoje quando me vejo chegando aos 80 anos.

Quando saí dos colégios entrei na universidade e nunca mais saí dela. Em 2017 completei 50 anos de vida de professor. Formei-me em psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Tornei-me um antropólogo, através de um mestrado da Universidade de Brasília. Fiz o meu doutorado em ciências sociais na Universidade de São Paulo. E daí em diante percorri passo a passo o que costumamos chamar de “carreira universitária”, até tornar-me um professor livre-docente em antropologia simbólica, da Universidade Estadual de Campinas. Ainda hoje sou professor colaborador dela.

Desde quando aposentado na UNICAMP fui professor visitante em cinco universidades brasileiras: a Universidade de São Paulo, a de

¹ Professora da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS). Doutora em Geografia pelo PPGEU-UFU, orientada por Carlos Rodrigues Brandão em 2009. E-mail: andrea.paula@unimontes.br

² Professor na Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Geografia. Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEU-UFU). Doutor em Geografia. Pós-doutorado realizado sob a supervisão de Carlos Rodrigues Brandão, Unicamp em 2008. E-mail: jcleps@ufu.br

Uberaba, a Federal de Goiás, a Federal de Uberlândia e a Universidade Estadual de Montes Claros. Atualmente sou professor colaborador do Mestrado em Tradições Culturais do Cerrado, da Universidade Estadual de Goiás.

Desde o meu ingresso na vida universitária, ainda como estudante tornei-me um militante ativista junto a movimentos sociais, atuando principalmente através da educação popular.

Sou comendador da Ordem do Mérito Científico pelo Ministério de Ciência e Tecnologia; doutor honoris causa da Universidade Federal de Goiás; professor emérito da Universidade Federal de Uberlândia; professor emérito pela Universidade Estadual de Campinas e doutor honoris causa pela Universidad Nacional de Lujan, na Argentina. E sou também Fellow do St. Edmund's College, da Universidade de Cambridge, na Inglaterra.

Escrevo desde menino. Mais tarde comecei a publicar os livros e outros escritos que poderão ser encontrados aqui. São livros de pesquisas e estudos em antropologia e em educação. E também livros de literatura, entre contos e poesias.

Mas na parede de minha casa os únicos diplomas que tenho pendurados são: o de escoteiro, o de guia excursionista, o de guia escalador, o de haver escalado do Dedo de Deus, e o de haver percorrido o Caminho de Santiago.

Tenho uma filha, um filho, dois netos e uma neta.

Carlos Rodrigues Brandão³

No ano de 2005, no Seminário "Educação? Educações", tivemos o privilégio de contar com a presença dos Professores Carlos Rodrigues Brandão e Rubem Alves na pequena cidade ribeirinha de Pirapora, no norte de Minas Gerais. Durante esse evento, junto a um grupo de estudantes e professores da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) e da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) tivemos a oportunidade de dialogar, refletir sobre sua obra acadêmica e literária e nos inspirar com as abordagens inovadoras apresentadas pelo Professor Carlos Brandão⁴:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com um ou com várias: educação? Educações (Brandão, 1995, p.1).

³ Fonte: Disponível em: <https://apartilhadavida.com.br/bio/> Acesso em 10/03/2024.

⁴ Todas as citações deste texto são de livros do Professor Carlos Rodrigues Brandão, portanto referenciaremos no texto o ano e página e demais constantes na bibliografia final.

Esse encontro, não apenas proporcionou um espaço de aprendizado, mas também marcou o início da formação de uma equipe de pesquisa que mais adiante desenvolveria a investigação apoiada pelo CNPq⁵. O vínculo do Professor Brandão no Instituto de Geografia da UFU foi viabilizado com a bolsa de Professor Sênior/Capes por meio do convite realizado pelos Professores João Cleps Junior e Samuel do Carmo Lima, ambos da Pós-graduação em Geografia, o que contribuiu para a formação de diversos estudantes que se tornaram mestres e doutores, consolidando ainda mais a importância e o legado do trabalho desenvolvido na UFU durante 10 anos.

Desde o nosso primeiro projeto praticamente todas e todos os seus participantes foram efetivamente formados como pesquisadores de campo em suas áreas de vocação profissional, ou naquilo que temos chamado aqui de "áreas de fronteira". Seria o caso, por exemplo, de estudantes de geografia que se habilitaram também em pesquisas com um forte foco antropológico. Quase todas as estudantes graduandas - várias deles bolsistas de iniciação científica - concluíram os seus cursos de graduação e apresentaram com êxito monografias de conclusão de curso. Várias delas estiveram relacionadas aos nossos sucessivos projetos. Vários participantes graduados ingressaram em cursos de mestrado na UNIMONTES, na UFU ou mesmo em universidades situadas fora de Minas Gerais. (Brandão, 2013, p.2).

As pesquisas realizadas integravam conhecimentos das Ciências Humanas e Sociais sob uma perspectiva interdisciplinar, com ênfase no trabalho de campo, na vida cotidiana dos povos tradicionais, na relação entre cultura e natureza, nas implicações entre os saberes tradicionais e os saberes acadêmicos. Os resultados dessas pesquisas geraram dissertações, teses, cursos de especialização para Movimentos Sociais (Pós Graduação Lato Sensu em *Redes Sociais de Ação Social e Educação* realizado para duas turmas, sendo uma na UNIMONTES e outra na Pontifícia Universidade Católica (PUC - Campus Poços de Caldas) e diversos projetos apoiados por agências governamentais que foram executados principalmente na região do norte de Minas Gerais, como a *Expedição Sertão Afora: Etnografias do Rio São Francisco*, uma jornada de 11 dias em uma barca ao longo do Rio São Francisco.

A *Expedição Sertão Afora: Etnografias do Rio São Francisco* foi um projeto realizado pelas duas Universidades públicas: UNIMONTES e UFU e financiada pela

⁵ Projeto "Tempos e Espaços nas Comunidades Rurais no Alto e Médio São Francisco, Minas Gerais: Uma Pesquisa Interdisciplinar sobre Permanências e Mudanças de Modos de Vida em Comunidades Rurais e Ribeirinhas". Edital MCT/CNPq 61/2005 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas (Período 2006-2009).

Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Uma viagem em equipe, em julho do ano de 2011, a bordo da Barca Tainá, saindo do norte de Minas Gerais, da cidade de Pirapora até a cidade de Manga, última cidade de Minas Gerais já na fronteira com a Bahia, o trecho navegável do Rio São Francisco mineiro. Percorrendo cidades e comunidades de rio e beira rio. A equipe multidisciplinar, contou com diversos professores-pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), UFU, UNIMONTES juntamente com diversos estudantes de graduação e pós-graduação das áreas de Geografia, Antropologia, Sociologia das referidas instituições.

Carlos Rodrigues Brandão, foi o mentor e capitão dessa viagem, onde nosso objetivo era visitar ilhas e pequenos povoados ribeirinhos. Fomos compreendendo de acordo com Brandão (2012), que a palavra *etn-cartografia* possuiu múltiplo sentido para essa viagem:

Em uma direção teve como principal objetivo mergulhar em uma leitura geo-cartográfica do rio São Francisco. Começamos por uma leitura de mapas antigos e terminamos por um novo levantamento das ilhas do São Francisco e de algumas de suas comunidades ribeirinhas. Em uma outra direção, convergente, **etno-mapeamos** cenários, cenas e, sobretudo, pessoas, comunidades e modos de vida tradicionais ao longo do São Francisco. (Brandão, 2012, p.11).

Figura 1 - Foto obtida do relatório do Projeto “Etnocartografias do Rio São Francisco” em 2011



Fonte: Acervo Grupo de Pesquisa Opara-Mutum (2011).

E "Rio baixo, norte acima", foi possível observar, descrever e conviver com homens, mulheres, crianças, velhos, jovens, que fazem o viver nessas beiras de rio e sertão. Realizamos entrevistas, imagens, vídeos, registros do saber-fazer, participamos de cerimônias religiosas, ritos de benzeções e do fazer artesanato em barro. Estivemos em casas de adobe, em lavouras de mandioca e de diversidade de feijões e milhos. Vimos o rio se transformando em estrada líquida, transportando famílias, trabalhadores e coisas diversas. Participamos de rodas de batuque, de rodas de pagamento das promessas a São Gonçalo.

Vimos fome e fartura, casas de ausentes e de famílias a esperar os seus entes retornarem da migração. Foram muitas as imagens das "gentes do sertão e do rio". Estivemos com pessoas que as vezes estavam sós, em uma lavoura de vazante de ilha, às vezes em par, outras vezes em uma família ou mesmo em um pequeno grupo comunitário reunido.

Recordemos que hoje, bem mais do que num passado recente- cercados em estreitas faixas de terra entre o arame farpado das grandes fazendas de gado, monoculturas de soja ou de eucaliptais e as beiras do grande rio- é, sobretudo nas terras ainda relativamente livres e férteis das ilhas (dependendo do tipo de "enchente" de cada estação chuvosa), que a maior parte da população pobre e ribeirinha encontra todos os anos a pequena fronteira de território livre para suas lavouras de subsistência sertaneja (Brandão, 2013, p.12).

Foram onze dias pelas águas do São Francisco, onde vivemos mais uma experiência de trabalho científico e de formação de pesquisadores. No "sertão seco" e no "sertão molhado" (nome que fizemos circular entre nós através da reflexão de Carlos Brandão) do Norte de Minas, para diferenciar as comunidades tradicionais de beira rio e de dentro do sertão. Todos os pesquisadores/ras estiveram ligados a algum de nossos projetos coletivos. E, assim, cada um e cada uma, ao lado de desenvolver sua dissertação ou tese, participava ativamente de trabalhos coletivos de pesquisa ou de desdobramento de pesquisas, com atividades diretamente associadas às comunidades pesquisadas. Uma experiência de viver a pós-graduação de forma solidária, na dimensão da ciência realizada de forma engajada⁶.

⁶ Para mais informações sobre essa descrição conferir em: PAULA, Andrea M. N. R. de. Travesseando sertões: Brandão, Rosa e a Pesquisa de Campo. Brandão: memória de quem fomos e presença de quem somos. SOUZA, Ângela F. G. de. Telha; Rio de Janeiro, 2022. p.177-196.

Diversas experiências de pesquisa acumulamos com Carlos Rodrigues Brandão, por meio de viagens de barco ou em estradas de terra batida, participação de eventos acadêmicos nas universidades, aulas das variadas disciplinas dos pré-socráticos aos contemporâneos da Filosofia, da Antropologia e dos entremeios com a Geografia. E a literatura foi sempre presente nas aulas, diálogos, colóquios com o Professor Brandão. Tivemos a oportunidade de estudar os diálogos entre a Geografia, a literatura e a Antropologia presentes na obra de João Guimarães Rosa.

Realizamos a Jornada João Guimarães Rosa na UFU em 2005, envolvendo os cursos de Geografia, Letras e Biologia, e desenvolvemos um trabalho de campo percorrendo o norte de Minas Gerais, visitando os principais locais descritos no único romance do escritor João Guimaraes Rosa: "Grande Sertão: veredas".

Houve então um tempo em que João Guimarães Rosa – meu contemporâneo mais velho e quase vizinho desconhecido de Copacabana – tornou-se a presença de um escritor de leitura frequente. Um destes autores que você não apenas lê, mas a quem coloca em sua vida como um companheiro com quem, em um uma outra dimensão, você não deixa nunca mais de conviver e de dialogar. Assim foi e assim é até hoje (Brandão, 1998, p.2).

Para Carlos Brandão, na literatura de João Guimarães Rosa, o ambiente assume um papel central como personagem, e o próprio escritor se revela um geógrafo e etnógrafo do meio rural e dos sertões mineiros. Na narrativa roseana, os rios dividem a vida, enquanto perguntas são dirigidas ao Buriti, uma árvore que simboliza a marcação do território e dos destinos na novela *Buriti*. O lugar Mutum representa simultaneamente o início, o meio e o fim da narrativa em *Campo Geral*, também conhecida como *Miguilim*. O pássaro Manoelzinho-da-Croa representa tanto um local quanto um amor. A Geografia do sertão, moldada pelos sertanejos, é caracterizada pelo murmúrio das águas, pelas travessias de humanos e dos bois.

Com seus ensinamentos, aprendemos que somos profundamente impactados pelas memórias evocadas e pelas vidas reveladas daqueles que pesquisamos e que a prática da pesquisa nos instiga, transforma e provoca angústia. No livro *Memória Sertão* (1998), Brandão observa que o sertão roseano - referindo-se ao universo literário de João Guimarães Rosa - é frequentemente retratado em áreas rurais, povoados e pequenas comunidades, raramente nas cidades. Essa literatura rural configura-se como uma epopeia das relações humanas, destacando o sentimento de pertencimento ao lugar, onde o ambiente se torna um personagem central, moldando e transformando toda a narrativa.

Entre aulas, oficinas de trabalho de campo, cursos concentrados que discutíamos as imagens, as fotografias através de Vincent Van Gogh e sua interpretação das paisagens rurais, do mundo rural, à literatura de João Guimarães Rosa, incidindo por Milton Santos e Claude Levi-Strauss, fomos construindo interpretações, análises que auxiliaram na constituição de projetos, monografias, dissertações, teses, que formaram muitos professores que hoje estão em Universidades públicas e privadas em muitas regiões do Brasil.

Figura 2 - Carlos Rodrigues Brandão, Raul do Valle e Manuelzão

A hospitalidade sertaneja. A nós recém-conhecidos vindos de longe, Dona Didi e Manuelzão nos oferecem um almoço bem mais variado e rico do que os dos “dias comuns”. Raul do Valle entre nós dois, e junto à janela eu, ainda sem me reconhecer, depois de raspada a barba.



Foto: Ivan Vilela, 1989⁷

Pesquisador apaixonado pelo trabalho de campo, Carlos Brandão dedicou-se a observar, escrever, gravar, fotografar e, por vezes, silenciar-se para captar a beleza do céu, das estrelas, das constelações e dos sons ao seu redor, incluindo os das pessoas, dos animais e das águas. Em seus diálogos com as pessoas locais, ele se empenhava em aprender os nomes das árvores, ervas, pessoas e animais de estimação, como porcos, galinhas, cachorros e papagaios, que integravam o cenário de cada lugar visitado. Em cada comunidade, seja um pequeno povoado ou uma cidade ribeirinha, ele se aproximava

⁷ Foto publicada no livro *Beira Vida, Beira Rio*, p.88. Legenda com texto o de Carlos Rodrigues Brandão.
Campo-Território: revista de Geografia Agrária, Uberlândia, v. 19, n. 53, p. 1-15, abr. 2024, **Página 7**

das pessoas para fotografá-las e perguntar sobre seus nomes, assim como sobre seus conhecimentos e práticas, como talhar madeira para fazer uma viola, tecer uma rede de pesca ou preparar a terra para o cultivo do milho.

Com o tempo, mesmo em poucas horas passadas naquela casa ou casebre, o professor ia se tornando um “da casa”, participando de conversas e compartilhando um café com biscoitos de polvilho. Embora sempre deixasse claro que era de outro lugar, compartilhando notícias de seus outros mundos. Contava sobre sua família e suas experiências em terras distantes, cativando a atenção de todos ao redor. Como ele narra no prefácio do livro resultante de um projeto que coordenou em 2012, *Cerrado, Gerais, Sertão - Comunidades Tradicionais nos Sertões Roseanos*.

Assim aos poucos, como quem chega e se pergunta onde está, antes mesmo de estudar-se a si próprio, ele, o “nativo” nos questiona. E desde “o ponto de vista do nativo”, ele nos diz que tudo o que dissemos a respeito de outros povos, de outras comunidades, de outras culturas, está convenientemente correto, de um modo ou de outro. No entanto “aquilo” é um dizer que nunca traduz exatamente como o “outro” é, como ele vive e como pensa e como se pensa (Brandão, 2012, p.12).

Durante os trabalhos de pesquisa, ele nos ensinava que a compreensão dos modos de vida requer a abordagem da dimensão do sonho, não como algo meramente não vivido, mas como uma parte integral da vida cotidiana e das aspirações. Ressaltava a importância da memória para entender os lugares, as pessoas, os ciclos geracionais, os modos de vida e trabalho, e os encantados. Segundo Brandão, a oralidade e as narrativas dos mais velhos permitem a recriação de territórios, tempos e espaços, identificando lugares sagrados presentes nas paisagens, nas famílias e nos afetos. As falas, gestos e impressões ajudam a formar redes de significados, que podem constituir uma verdadeira cartografia simbólica desenvolvida em colaboração com os sujeitos pesquisados.

A abordagem etnográfica do Professor Carlos Rodrigues Brandão é marcada pelo profundo respeito pelo saber do outro e pela interação enriquecedora entre pesquisadores e detentores das histórias locais. Ele integra o conhecimento local, a literatura, os causos e versos daqueles que vivenciam seu cotidiano no lugar com as teorias epistemológicas. Essa interação permite a narração de eventos, ritos e significados que capturam, entre o vivido e o pensado, os modos de vida das pessoas nos tempos e espaços que são criados e recriados pelos sentidos, significados da cultura.

Acredito que deva haver alguma diferença entre: “como se pensa o fazer da pesquisa científica” e “como se faz a pesquisa científica que se pensa”. Deve haver uma outra bastante próxima, entre: “como se faz uma pesquisa” e “como nós vivemos a pesquisa que fizemos” (Brandão, 2003, p. 16).

Revivemos algumas das experiências que compartilhamos em equipe nas pesquisas realizadas com o Professor Carlos Rodrigues Brandão, neste Dossiê que apresentamos em sua homenagem, que tem como objetivo, a partir de sua obra crítica e comprometida, refletir sobre a relação entre cultura e natureza, comunidades rurais, espaços e lugares de vida e trabalho, movimentos sociais e educação, as resistências camponesas, sempre em diálogo com o trabalho de campo.

A ideia de construir um dossiê temático sobre "Trabalho de Campo e a Pesquisa Participante: a contribuição de Carlos Rodrigues Brandão" surgiu ainda durante a sua vida no início de 2023. O objetivo foi de publicizar investigações empíricas e/ou teóricas que refletissem sobre a importância desse pensador contemporâneo nas diferentes experiências realizadas no campo. Infelizmente nem todos aqueles pesquisadores que desenvolveram estudos sobre a temática puderam atender a chamada, seja por problemas de prazo ou de alcance de divulgação do periódico.

Carlos Brandão ou Brandão, como é mais conhecido foi professor, autor, poeta, escritor, pesquisador e sempre atuou na fronteira entre a Antropologia, a Geografia, a Pesquisa Participante, a Etnografia e a Educação Popular. Sua obra acadêmica, as etnografias realizadas e publicadas, os projetos de pesquisas em diversas regiões do Brasil junto as comunidades tradicionais rurais, as muitas orientações de mestrado e doutorado em diversas universidades do Brasil e fora dele, os escritos e pesquisas de campo tem sido fundamentais para os estudos rurais no Brasil e na América Latina.

No trabalho de campo, o saber abordado por Brandão não se limita aos aspectos das teorias da Antropologia ou da Geografia para a compreensão da cultura e ambiente, mas se apresenta também no saber local, no cotidiano do lugar, nas relações estabelecidas com as pessoas, nas formas de festejar, no sagrado e profano, nas formas e ofícios do trabalho, nas relações estabelecidas no grupo para o conviver com os outros “de dentro “e de fora”, na gestão com o ambiente, na produção e reprodução de saberes entre humanos e não humanos, terra, água, bichos e humanos que fazem o viver local.

O estar em campo na Geografia fazem parte da própria constituição da ciência geográfica. Obras clássicas do Carlos Rodrigues Brandão como *Diário de Campo* (1982),

Partilha da Vida (1995), *Plantar, Colher e Comer* (1981), *Memória Sertão* (1998), *No Rancho Fundo - espaços e tempos no mundo rural* (2009), entre tantas outras, promovem a realização de trabalhos de campo que tenham pertinência geográfica, metodológica e conceptual.

Assim, a justificativa da escolha do tema deveu-se a sua perspectiva de construção do conhecimento através dos diálogos de saberes que perpassam autores da Educação, da Literatura, da Filosofia, da Geografia, da Antropologia, das Ciências Sociais e no mesmo tempo e espaço dialoga com as pessoas dos lugares, ou como ele qualifica: os “*mestres dos lugar*”. Nesse sentido o saber do lavrador, do quilombola, do acampado na luta pela terra, dos velhos e velhas que narram suas memórias é indissociável das teorias acadêmicas para a construção das pesquisas.

Os textos apresentados nesta Edição Especial foram desenvolvidos por autores com distintas formações e interfaces com as áreas de Geografia, Antropologia, Educação, História, Sociologia, Ciências Econômicas, Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural, destacando a importância de conduzir a pesquisa com princípios éticos, cuidado, descrição detalhada e um profundo senso de responsabilidade na relação entre pesquisador e pesquisado. Esses estudos foram elaborados por uma variedade de professores, mestres, doutores e estudantes, oriundos de diferentes áreas das Ciências Humanas e Sociais.

No artigo “**Relicário de Memórias** - Educação Popular na Década de 1960: Carlos Rodrigues Brandão e Osmar Fávero”, os autores, por meio de entrevistas em profundidade, exploram a trajetória de memória dos autores citados, revisitando formação do MEB (Movimento de Educação de Base) e dos Movimentos de Cultura Popular (MCP), destacando a presença de Paulo Freire e o papel das mulheres educadoras populares. O texto evidencia a importância desses educadores e suas contribuições para a educação popular, bem como a continuidade do Movimento pela educação popular na transformação da realidade social.

No artigo “**A Pedagogia da Alternância: Trabalho de Base e Pesquisa Participante**”, os autores, a partir de uma experiência na Escola Família Agrícola Regional (EFAR), localizada em Brotas de Macaúbas/BA, analisam a interação entre a Pedagogia da Alternância e a Pesquisa Participante. Destacam a importância de um trabalho de base que seja fundamentado na pesquisa participante e esteja profundamente imerso nas realidades locais, valorizando os agentes como intérpretes ativos de seu próprio mundo.

No artigo “**Pesquisa Participante, Direitos Territoriais e Mapeamentos Coletivos: O Entrelaçar entre o Uso e a Vida**”, as autoras, ao dialogar entre a Geografia Crítica e a Pesquisa Participante, apresentam uma pesquisa de campo focada no mapeamento e na criação de “mapas do vivido”. Argumentam que o trabalho de campo participativo ajuda a vivenciar as contradições que surgem na luta por uma gestão compartilhada, com autonomia e apropriação do espaço pelos sujeitos envolvidos. Esse processo permite “instituir coletivamente um devir (a radicalidade de um processo de transformação social)”.

No artigo “**Mundo Rural e Catolicismo Santoral na Pesquisa Participante de Carlos Rodrigues Brandão**”, as autoras exploram a trajetória do Professor Brandão nas comunidades rurais, destacando seu envolvimento com o catolicismo e a relevância da observação participante como técnica metodológica. Elas analisam como essa abordagem metodológica contribuiu para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais nas comunidades estudadas.

No artigo “**Pesquisa Participante em Territórios Rurais: Histórias Femininas de Luta, Roça e Mariscagem**”, os autores discutem as experiências femininas em territórios rurais, fundamentando-se na teoria da Cultura e na pesquisa de Carlos Brandão. Eles argumentam que as vivências de camponesas e marisqueiras oferecem reflexões profundas sobre o papel das mulheres em seus modos de agir e saber, além de acender a luta contínua pela reprodução da vida e da emancipação social.

No artigo “**O Diário de Campo como Relato de Si: Por uma Geoantropologia Poética na Obra de Carlos Rodrigues Brandão**”, a autora reflete sobre etnografia, antropologia e o conceito de “diário de campo”, empregando a ideia de geoantropologia poética criada pelo Professor Brandão. Ela argumenta que a prática de escrever diários é simultaneamente biográfica e cartográfica, descrevendo lugares e situações enquanto revela aspectos do próprio escritor.

No artigo “**Modelos Conceituais de Sistemas Agroflorestais Agroecológicos: Uma Criação Orientada pela Ciência Aplicada e Materializada na Prática de Campo e na Transversalidade de Saberes**”, os autores analisam a importância da pesquisa participante e do trabalho de campo na construção de modelos agroflorestais agroecológicos.

No artigo “**A Contribuição do Pensamento de Carlos Rodrigues Brandão para a Educação do Campo: Diálogos Pedagógicos e Campesinistas, Interdisciplinares e Interdependentes**”, o autor explora a contribuição teórica de Carlos Brandão para a educação formal e não formal, refletindo sobre o sujeito concreto da Educação do Campo e seu papel socioterritorial na recriação da classe camponesa na sociedade capitalista brasileira.

No artigo “**Sentipensar o Debate Socioambiental: Contribuições de Carlos Rodrigues Brandão e Orlando Fals Borda**”, os autores discutem as contribuições de Brandão e Fals Borda para o pensamento socioambiental, destacando a importância da participação popular e das experiências metodológicas na relação entre natureza e sociedade para promover a sustentabilidade da vida.

No artigo “**Caminos y Reflexiones sobre la Investigación Participante en la Evaluación de la Sostenibilidad de los Asentamientos Rurales en la Amazonía Sur, Brasil**”, os autores investigam a aplicação da pesquisa participante em assentamentos rurais e argumentam que as pesquisas devem sempre levar em conta as demandas das comunidades e instituições locais, e que todo o processo de construção da pesquisa deve ser acompanhado pelos sujeitos envolvidos.

Na seção **Relatos de Experiências**, as/os autoras/autores compartilham suas vivências de pesquisa ao lado do mestre Carlos Rodrigues Brandão. Elas/eles exploram a percepção, os sentimentos, a descrição etnográfica, o olhar atento, as entrevistas e o ofício da pesquisa, oferecendo uma visão detalhada e pessoal de suas pesquisas.

No relato **Territórios e tessituras de encontros, pesquisas e escutas em Educação Popular e Agroecologia** perpassa a discussão da possibilidade de construção de espaços de conhecimentos agroecológicos através de diálogos de saberes tão debatidos na obra de Carlos Brandão.

No relato “**Descrever a banalidade do cotidiano**” e **inscrever o ofício de pesquisador**: o legado de Carlos Rodrigues Brandão na Pesquisa Participante do grupo Opará-Mutum, Norte de Minas Gerais descreve a experiência vivenciada através das autoras e o envolvimento delas e dos demais participantes do grupo de pesquisa com a pesquisa participante, onde os sujeitos pesquisados passaram a atuar e tornaram-se autores, agentes de todo o processo.

No relato **“Uma re-visita e uma re-memória dos encontros com Brandão e a Antropologia: o que vivi, sou e busco permanecer”** através do acionamento das memórias e das pesquisas realizadas junto ao Professor Brandao, a autora desenvolve reflexões sobre a Geografia e Antropologia na pesquisa de campo.

Todos os artigos desta edição são alicerçados em uma ciência engajada, refletindo a abordagem e a vida do Professor Carlos Rodrigues Brandão, que fez do mundo rural o seu principal campo de pesquisa. Esses textos ilustram um entendimento da ciência que se baseia na interação contínua entre diversos saberes, conciliando teorias acadêmicas com a prática de campo. Eles abrangem desde a vivência dos sujeitos pesquisados até as teorias epistemológicas sobre o objeto de estudo, demonstrando uma integração profunda entre experiência e conhecimento acadêmico.

Brandão sempre enfatizou a dimensão ética da pesquisa, afirmando que “Toda ciência do humano deve servir ao humano” (Brandão, 2003, p.22). No livro *A Pergunta a Várias Mãos: A Experiência da Pesquisa no Trabalho do Educador*, ele destaca a importância de saber com o outro, uma prática que ele mesmo cultivou. Como cientista engajado e ativista, propôs novas concepções de ciência ao trabalhar com homens e mulheres em universidades, comunidades rurais e movimentos sociais no interior do Brasil. Sua abordagem nos fez refletir sobre a prática da pesquisa acadêmica na pós-graduação, que, embora frequentemente solitária, pode também ser solidária, através do compartilhamento de conhecimentos, saberes, sentidos, leituras e diálogos plurais.

Aprendemos que a pesquisa envolve o engajamento em um diálogo de saberes, reconhecendo que tudo o que vivenciamos e investigamos constitui “teias e tramas de sentidos, sentimentos e saberes, por meio das quais pessoas como nós... vivem e pensam a história que criam” (Brandão, 2003, p. 311).

“Se Violeta Parra teve motivos para cantar “Gracias a la Vida, que me há dado tanto...” imaginem eu! Imaginem! “, celebra Carlos Brandao na sua carta de 80 anos publicada em 14 de abril de 2020, no dia do seu aniversário. Já em tempos pandêmicos, ao publicar a carta, nos instiga a compreender que em situações extremas, existe outro viés, para ele que não era tempo para reclamações, mas para agradecer por tudo vivido! E por está vivo!

Em 13 de julho de 2023, ele "encantou-se" - uma expressão evocativa da literatura roseana - mas seu legado permanece vibrante e inspirador. No início de seu livro *Memória Sertão* (1998, p. 13), ele escreve: “Se algum dia alguém perguntasse que imagens dos muitos mundos, reais ou imaginados, contêm a cena do meu coração, eu responderia com palavras muito simples: estradas de terra, trilhas de montes.” Era no campo, com sua imersão e dedicação, que ele realizava o fazer científico.

A obra de Brandão nos convida a refletir sobre a importância de reconhecer e valorizar a complexidade dos saberes humanos, de reconhecer a natureza como sujeito de direitos e a interconexão entre teoria e prática. Agradecemos por ter compartilhado sua vida e sabedoria conosco. Que possamos continuar a exercer a imaginação e o ofício do conhecimento com ousadia, mantendo viva a essência da ciência engajada.

Seguimos Juntos!

Figura 3 - Projeto Etnocartografias do Rio São Francisco



Fonte: Acervo Grupo de Pesquisa Opara-Mutum (2011)

Eu atravesso as coisas- e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver não é muito perigoso?

João Guimaraes Rosa, Grande sertão: veredas. 18. ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p.33.

Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória-Sertão**. São Paulo: Cone-Sul/UNIUBE, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos**: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. Saber com o Outro. São Paulo: Cortez, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Tempo e Espaço na Comunidade Rural: a visita de um antropólogo à geografia. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA – AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO, 2., Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, 2006.
- COSTA, João Batista de Almeida; OLIVEIRA, Cláudia Luz de (org.). **Cerrado, gerais, sertão**: comunidades tradicionais nos sertões roseanos. São Paulo: Intermeios, 2012.
- LEAL, Alessandra Fonseca; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. BORGES, Maristela Corrêa (org.). **Beira Vida Beira Rio**. Vida, Comunidade e Cultura no Rio São Francisco. Belo Horizonte: O Lutador, 2013.
- LEAL, Alessandra Fonseca; BORGES, Maristela Corrêa (orgs.). **Etnocartografias do Rio São Francisco**: comunidades tradicionais ribeirinhas do Norte de Minas Gerais. Uberlândia: EDUFU, 2013. DOI: <https://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-330-1>
- ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim**. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 33. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- ROSA, João Guimarães. **Corpo de Baile**. Rio de Janeiro: José Olympio: 1998.
- ROSA, João Guimarães. **Tutaméia**. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio: 2001.